

Fernam Díaz em Terras de Ultramar: sobre a cantiga “Fernam [D]iaz, este que and’ aqui” de Pero Garcia Burgalês*

Paulo Roberto Sodré¹

Para Xosé Bieito Arias Freixedo.

Parece não restarem dúvidas de que o suposto funcionário de Afonso X, o *adeantado*² Fernan Díaz, tinha o costume de driblar a natureza³ e as leis e deitar-se com seus iguais. Ou, em galego-português mais claro, e não menos poético de Pero da Ponte, um “puto”⁴ que “se anda fodendo com outro” (Ponte, 1992, p. 129-131). Tal personagem, oficial de justiça,

* Este trabalho faz parte de um conjunto de textos desenvolvidos a propósito do Projeto de Pesquisa *Os homens entre si: homossexualidade masculina na lírica medieval peninsular*, dividido em duas partes. A primeira, *Os homens entre si: a homossexualidade masculina na lírica medieval peninsular*, concluída em 2005, foi publicada em Sodré (2007a). A segunda parte, *Os homens entre si: a homossexualidade masculina na lírica medieval peninsular (1300-1350)*, concluída em fevereiro de 2007, está registrada em artigo inédito, “Ainda sobre a sodomia na sátira galego-portuguesa: a propósito da cantiga ‘Do que eu quígi, per sabedoria’, de Estevão da Guarda” (Sodré, 2007b), de que aproveitamos alguns conceitos, dados e citações.

¹ Pós-doutor em Literatura Portuguesa/ Unicamp e Professor da Universidade Federal do Espírito Santo.

² González Jiménez, citado por Vicenç Beltran (2007, p. 42), explica que *adeantado* é “un juez de alzada y una especie de *alter ego* del monarca, dotado por ello mismo de amplísimas facultades jurisdiccionales”.

³ James Brundage esclarece que, na tradição ocidental cristã, a noção de sexo *natural* implica o que se considera uma prática usual da maioria ou o que os animais fazem a esse respeito. Contudo, o historiador aponta a ambiguidade e a inconsistência desse argumento usado até hoje pelos moralistas (1987, p. 7).

⁴ São poucos os termos especificamente voltados para a denominação, no medievo peninsular, dos homens de orientação homossexual: além de “putos”, “fodidos”,

e tal costume, sodomia, não passaram despercebidos pelos trovadores⁵ bem humorados como Estevão Faião, Airas Pérez Vuitoron e Pero Garcia Burgalês, todos frequentadores da corte do Sábio⁶.

Em sua *Antoloxía de poesía obscena dos trovadores galego-portugueses*, Xosé Bieito Arias Freixedo reúne as cantigas dedicadas ao oficial de justiça, reunindo-as sob o título de “O caso famoso de Fernán Díaz”, de que não seria exagerado derivar um ciclo dentre os levantados por Lapa e reconsiderados por Lindeza Diogo⁷. Nove⁸ são as cantigas em que predomina o campo semântico da sodomia⁹, a que se justapõe em duas delas o do ofício de *adeantado*, termo-chave para o equívoco que contrasta tanto a posição social de Díaz (alto oficial de justiça) como sua posição sexual preferida (“ativa”). Desse conjunto, destacamos “Fernam [D]iaz, este que and’ aqui”, de Pero Garcia Burgalês, em que o trovador castelhano coloca o *adeantado* na região do Ultramar em busca de um mestre, não encontrado na cristandade, que lhe *encastoasse*, isto é, embutisse um tipo de safira, seu *olho de cabra*, no castão (ornato em ponta de bengala ou caixa, cofre).

“fudidunculos” (Madero, 1992, p. 62), há o termo jurídico “sodomítico”: “Sodomítico dizem al pecado en que caen los omes yaziendo vnos con otros contra natura, e contibre natural. E porque de tal pecado nacen muchos males en la tierra, do ne faze, e es cona q pena mucho a Dios conel. E fale ende mala fama, non tan nolamente a los fazedores: mas aun a la tierra, do es connentido. Porende pues que en los otros titulos ante dente fablamos delos otros yerros de luxuria”. Partida VII, Título 21 [De los que fazen pecado de luxuria contra natura] (Alfonso X, 1974, p. 72). Vale notar que a sodomia implicava um “deseo puramente anatómico”, uma “transgresión de ordem físico” (Madero, 1992, p. 68).

⁵ Saverio Panunzio indica as cantigas cujo alvo é Estaturão: de Pero Garcia Burgalês [B 1375/ V 983; B 1379/ V 987], de Estévan Faian [B 1571], de Airas Pérez Vuitoron [B 1479/ V 1090; B 1480/ V 1091] (Ponte, 1992, p. 189). Rodrigues Lapa (1995, p. 243) e Xosé Bieito Arias Freixedo (1993, p. 82) supõem que a cantiga “Don Fernando, pero mi maldigades” [B 1378/ V 986], de Burgalês, refere-se também a Fernan Díaz.

⁶ António Resende de Oliveira (2001, p. 178-179) os inclui na “fase régia” do Trovadorismo galego-português ou de “expansão para Castela (1240-1300)”.

⁷ Cf. Rodrigues Lapa (1981, p. 187 et seq.) e Lindeza Diogo (1998, p. 1-75).

⁸ Arias Freixedo, que lista sete textos, não considerou a possibilidade de o nome *Fernand’ Escalho* ser uma variante de Fernan Díaz, como o faz Vicenç Beltran (2007, p. 36-42).

⁹ Cf. a esse respeito Lindeza Diogo (1998, p. 46 et seq.).

à sodomia. Concordando com a leitura de Lapa (“Tudo isso, em sentido figurado, é um pouco confuso”), Pierre Blasco (1984, p. 44) avança-a, entretanto, associando à palavra *olho* o sentido de membro viril, e a toda a cantiga, o de homossexualismo. Arias Freixedo (1993, p. 67-69), revisando as leituras de Lapa e Blasco, esmiúça os versos e esclarece as estrofes de Buralgalês. Sigamos sua paráfrase em *clave* obscena – surpreendentemente detalhada – da cantiga:

Fernán Díaz foi a Ultramar e por máis que probou non foi quen de atopar ningún homosexual (*maestre... de castoar pedras*) cun traseiro o suficientemente folgado como para que lle puidese introducir (*encastoar*) o seu pene (*ollo, pedra*) (primeira estrofa). E aínda que alí atopou o home que en todo o mundo melhor practicaba a arte de deixar que outros lle introducisen os seus membros no traseiro e o que máis sabiamente se meneaba para “traballar” sobre o órgano introducido (*fazer... lavor de castón outrossí*) e a pesar de que lle manipulou ben (*amesurou*, tomou medidas) o pene a D. Fernando, o orificio do seu ano era tan estreito (*tan estreito lli fez... o castón*) que non lle coubo nel o membro de D. Fernando (segunda estrofa). Porque isto foi o que lle ocorreu con aquel homosexual con quen tive trato: díxolle que o pene que Don Fernando levaba era malo e contrafeito e cambiouno polo seu enorme pene, o maior do mundo, e meteullo a Don Fernando (terceira estrofa). Quíxolle Don Fernando mete-lo seu carallo de considerable tamaño (*ollo de cabra*) ó outro, pero este non se deixou, e foi D. Fernando quen acabou co enorme carallo do outro (*ollo de boi*) chantado no seu traseiro (Arias Freixedo, 1993, p. 69).

Em abordagem mais recente, Graça Videira Lopes (2002, p. 407) aponta o equívoco sobre os gostos homossexuais de Díaz¹³, mas parece acreditar que, na cantiga, o jogo escarninho estaria relacionado ao fato de o *adeantado* ter sido ludibriado pelo mestre que lhe mudou pedra preciosa (“olho de boi”) por outra sem valor (“olho de cabra”). Acrescenta uma outra possibilidade de interpretação, uma caricatura de Fernan Díaz sugerida na cantiga, mas sem comentários que a justifiquem. Ainda que cite na bibliografia de sua edição a antologia de Arias Freixedo, não faz referência alguma à sua leitura.

¹³ Cf. ainda as observações de Carlos Paulo Martínez Pereiro (1996, pp. 158-162) e Américo António Lindeza Diogo (1998, p. 49) a respeito dessa cantiga.

Exposto o sentido obsceno e sodomita do texto de Burgalês, restaria saber sobre a figura famigerada de Díaz e a possibilidade de dados históricos ajudarem na compreensão do jogo equívoco da cantiga. Nesse sentido, Vicenç Beltran, em estudo de 2007¹⁴, apresenta dados interessantes sobre o *adeantado*. O visado, na verdade, não se chamaria Fernan Díaz, mas provavelmente Esteban Fernández de Castro, nomeado por Afonso X a partir de 1265 até aproximadamente 1272, quando é deposto devido à sua filiação aos rebeldes nobres contra o Sábio (Beltran, 2007, p. 37). O provável pseudônimo – de fato, um trocadilho (*Fernand[ia]ez*) – foi usado pelos trovadores afonsinos, meticulosamente, para a eficácia do escárnio¹⁵.

Embora pareça provável, não há como afirmar que as burlas de tema sodomita contra Díaz – ou Esteban Fernández de Castro – coincidam com o período da rebelião de 1272-1274, o que explicaria de alguma maneira a série de cantigas sobre o *adeantado*.

Seja como for, a engenhosa cantiga de Burgalês permite uma leitura, no entanto, para além de um "dichote" sobre o gosto sexual de um nobre rebelde da corte de Afonso X, como até agora foi comentado. Nesse estudo crítico-literário, apoiado em pesquisas histórico-sociais de Marta Madero, Colin Spencer e James Brundage, procuraremos observar no jogo de palavras escarninho um dos preconceitos mais arraigados no imaginário medieval cristão: a sodomia dos muçulmanos.

Em algumas cantigas satíricas galego-portuguesas, o tema da sodomia¹⁶ justapõe-se ao da presença dos mouros¹⁷. A esse propósito, afirma Graça Videira Lopes que

¹⁴ Agradecemos a oportuna indicação do artigo pelo Prof. Xosé Bieito Arias Freixedo, assim como o envio eletrônico, e gentil, do Prof. Vicenç Beltran de seu texto.

¹⁵ Para a eficácia do escárnio, Burgalês (na cantiga "Que muyto mi de [F]ernam [D]iaz praz" [1984, p. 257-258]) atribui a Fernan Díaz a função de meirinho. Beltran (2007, p. 42) deduz que, decerto, Esteban Fernández de Castro/Fernan Díaz era *adeantado*, e o título de *meirinho* entraria apenas para rebaixar o visado, uma vez que, como subordinados do *adeantado* e não do rei, "los merinos tienen como cometido principal velar por el mantenimiento del orden (...), hacer cumplir las leyes y perseguir y castigar a los delinquentes (...)" (González Jiménez, apud Beltran, 2007, loc.cit.).

¹⁶ Nesse item, seguiremos bem de perto nossas observações desenvolvidas em artigo ainda inédito sobre o tema da sodomia em Estevão da Guarda (Cf. nota inicial deste trabalho).

¹⁷ Além da cantiga de Burgalês, poucas cantigas relacionam a sodomia a mouros: João Baveca, em "Bernal Fendudo, quero-vos dizer" (Lapa 188; Lopes 153), dirigida provavelmente ao sodomita Bernal de Bonaval, brinca com os termos de guerra, relacionando-os à lida sexual entre Bernal e os mouros que, ao fim, "morrerán em vosso poder". Estevão da Guarda satiriza Álvaro Rodríguez por "foder" um mourinho em "Álvar Rodríguez dá preço d'eforço" (Lapa 116; Lopes 443), "Do que eu quígi, per sabedoria" (Lapa, 117; Lopes, 444).

De facto, nenhuma cantiga do cancionero satírico é dirigida a qualquer personagem inequivocamente identificada como mouro (ainda que, tal como acontece com os judeus, as referências a árabes se possam encontrar nalgumas cantigas). Mas se, em princípio, não encontramos abertamente mouros como alvos de cantigas satíricas, encontramos, no entanto, sete cantigas, dirigidas à mesma personagem, que aludem, de forma mais ou menos velada, à sua origem árabe e à sua qualidade de convertido recente (ou falso convertido, como insinuam alguns trovadores) .(Lopes, 1994, p. 284).

Mais adiante, afirma:

Ainda que mais nenhum árabe (se é que de facto João Fernandes o era, como supomos) surja como alvo principal de chufas, será aqui curioso salientar que os mouros surgem frequentemente no Cancioneiro satírico associados a práticas homossexuais de várias personagens (Lopes, 1994, p. 286).

Além de João Fernandes, referido por Lopes¹⁸, Álvaro Rodríguez (Sodré, 2006) é outra figura famosa na sátira peninsular ligada aos mouros. Pretensamente convertido ao cristianismo, um *malado*, Rodríguez é *posfaçado* por Estevão da Guarda pelo fato de manter, a despeito de sua conversão, um costume tido como islâmico: “que fod’ o mouro (um garoto) como fod’ outr’ ome” (Lapa, 1995, p. 90)¹⁹. Essa brincadeira de Guarda insinua que entre os mulçumanos era frequente a sodomia, um lugar-comum no pensamento da época (Brundage, 1987, p. 399).

Passagens no *Alcorão* e lendas a respeito de Maomé talvez expliquem, em parte, as possíveis razões de a sodomia ser considerada pelos cristãos medievais como traço da cultura islâmica. Em alguns versículos corânicos, diz-se que jovens rapazes servirão, no Paraíso, os crentes com taças de bebida celestial deliciosa e inebriante: “Entre eles (os bem-aventurados) circularão mancebos imortais/ com taças, jarros de bebidas refrescantes,/ que não os amodorrarão nem os embriagarão” ou “entre eles circularão mancebos imortais: quando os vires imaginarás que são pérolas soltas” (*Alcorão*, 2003, Parte 2, p. 162; p. 198). Tal menção teria dado azo a algum remoque na

¹⁸ Até onde sabemos, ainda está por fazer uma leitura em *clave* sodomita da cantiga “Joan Fernándiz, um mour’ est’ aqui” (Lapa, 297; Lopes, 260), de Martin Soares.

¹⁹ Cf. Sodré, 2007b.

própria literatura árabe, como no tratado da disputa de méritos entre efebos e donzelas, de Al-Jahiz, do século IX, em que duas vozes masculinas (uma que prefere rapazes, a outra, moças) debatem suas respectivas preferências e se defendem: o que prefere rapazes cita o trecho corânico, dizendo que o livro refere-se às moças e aos rapazes, o que prova que estes, na visão divina, são superiores²⁰.

Tais discussões e interpretações estariam porventura nas entrelinhas da declaração de Jacques de Vitry, no século XIII, segundo a qual Maomé teria sido o responsável pela introdução da sodomia no mundo árabe (Vitry *apud* Spencer, 1996, p. 106), ou na acusação de Pedro Pascual, também do século XIII, de que Maomé teria incentivado a sodomia entre homens na medida em que não castigou severamente seus guerreiros, quando estes, ausentes as mulheres, deitaram-se uns com os outros (Pascual *apud* Madero, 1992, p. 125).

A história da homossexualidade, mapeada por Colin Spencer, revela o fato de que povos como os celtas e tribos como as germânicas tendiam a iniciar seus meninos por meio da pederastia. Os muçulmanos não fugiram à regra (Spencer, 1996, p. 90 et seq.). A presença da homossexualidade na cultura islâmica é registrada, no entanto, de maneira contraditória. Como exemplifica Spencer, o teólogo místico al Ghazali, morto em 1111, escreveu poemas de amor aos rapazes e desaprovou, contudo, a sodomia; o historiador e sociólogo Ibn Kaldun, embora tivesse escrito poesia homoerótica, achou acertado o apedrejamento contra os sodomitas (Spencer, 1996, p. 100). Por outro lado, um *Espelho de príncipes*, escrito em 1082 por Kai Ka'us ibn Iskander, para seu filho mais velho, expõe um conselho bastante pontual: "entre mulheres e jovens, não limite suas inclinações a um dos sexos (...) encontre prazer das duas maneiras"; ademais, sugere que o filho deveria se inclinar para os jovens, no verão, e, no inverno, para as mulheres (Iskander, Kai Ka'us ibn *apud* Spencer, 1996, p. 100). Tais dados – conhecidos quer direta, quer indiretamente pelos cristãos – deverão ter contribuído bastante para os protestos, o preconceito e as chufas desses referentes ao pretenso gosto dos mouros pela sodomia²¹.

²⁰ Agradecemos as informações do Professor Mamede Jarouche, da Usp, sobre o tema. Lamentavelmente não tivemos acesso às traduções das fontes primárias árabes mencionadas neste estudo.

²¹ Vale referir o que Colin Spencer afirma a propósito do mesmo preconceito, mas do ponto de vista dos mouros: "Na Espanha do século XII, os autores muçulmanos consideravam os clérigos cristãos como especialmente viciados em relações homossexuais, ao mesmo tempo em que o restante da Europa cristã protestava contra o vício sodomítico dos sarracenos" (1996, p. 103).

Corroborar essa dedução o estudo de Marta Madero, *Manos violentas, palabras vedadas: la injuria en Castilla y en León (siglos XIII-XV)*. A autora identifica como tema e motivação da injúria o corpo, o parentesco, as etnias, os comportamentos e os animais. No que se refere ao corpo, destaca três instâncias: a enfermidade (lepra), a sexualidade (putaria, sodomia) e a estética (fealdade, negritude). Assim, o injuriador, ao apontar alguém como “fodido”, por exemplo, ofendia-o com contundência e estava sujeito à pena da lei. Da mesma maneira o fazia ao relacionar uma pessoa à etnia moura, negativa seja pela sua confissão islâmica, seja pela sua pecha de luxúria e sodomia. Como explica Madero: “La lujuria y la homosexualidad son condenadas de forma general, estén o no vinculadas a una identidad específica, pero en la ortodoxia de las representaciones la homosexualidad está vinculada al Islam” (Madero, 1992, p. 127). O que conclui a autora desenha certo contexto a partir do qual os trovadores elaboraram cantigas escarninhas, isto é, por meio de “injurias lúdicas” – como esclarece Madero (Madero, 1992, p. 24) –, com dois temas extremamente ofensivos para a época: sodomia e etnia moura e, por conseguinte, islâmica.

Complementava o jogo de injúria²² outro “delito”, além da sodomia. Na Partida VII, Título 25 (sobre os mouros), lei 10, afirma-se que “merecen el moro y la cristiana que yaceren juntos” apedrejamento, perda dos bens ou morte, dependendo do estado da mulher (virgem, casada ou “que se dé a todos”). Assim sendo, o efeito jurídico de um cristão fazer com um mouro *contra natura* tornaria ainda mais “nefanda” a situação e, por isso mesmo, mais divertido o escarnecer baseado na retórica da injúria, em que se aproveitam as inversões e os rebaixamentos típicos do estilo cômico-carnavalizado (Tavani, 1984) que vaza nas cantigas satíricas em geral e naquelas sobre sodomitas, em particular.

Considerado esse quadro de leituras crítico-literárias e de dados histórico-sociais, brevemente expostos, a cantiga de Buralês talvez ganhe outro matiz de sentido, para além daquele obsceno exposto inicialmente.

Se é correto admitir – como pretende Arias Freixedo – que as metáforas obscenas de Buralês, derivadas do ofício de lapidação, referem-se ao desejo de o *adeantado* encontrar um parceiro (*mestre*) à altura de seu *olho (de cabra)*, isso redimensionaria o significado da escolha do trovador de situar Fernan Díaz não no reino castelhano, mas no Ultramar. Como se sabe, o *Ultramar* abrange uma área imensa que Carolina Michaëlis

²² A esse respeito, desenvolvemos o ensaio ainda inédito *Non serie juego onde omne non rrye: aspectos da sátira galego-portuguesa* (Sodré, 2008).

relaciona à Ásia e à África. As expressões "ir aalem mar", "passar alem-mar", "andar sobre mar", "ir a Ultramar" significam normalmente peregrinação ao Santo Sepulcro, região dominada pelos mouros, e expedição à África para lutar contra os infiéis (Vasconcelos, 2004, p. 243, n. 95)²³.

Ao colocar Fernan Díaz em expedição ao Ultramar, e em contato com o exímio mestre de lapidário mouro, Burgalês lançaria mão de um pressuposto: apenas no Ultramar, terra predominantemente de muçulmanos, é que o *adeantado* de Afonso X conseguiria um parceiro ideal para sua inclinação sodomita.

E *pero* mui boo maestr' achou hy,
qual **no mund' outro non** poden saber,
de castoar pedras e de fazer
mui bon lavor de caston outrossy (Negritos nossos).

Se no reino peninsular "as gentes" criticam o *cavalgar* – outra metáfora obscena frequente nas cantigas – de Díaz durante a noite (Lapa 381, Blasco XLVI, Lopes 346), somente em terras de mestres em *encastoar* é que Díaz lograria seu intento sem obstáculos. Desse modo, o Ultramar representaria o único território onde seria possível o *adeantado* dar *cima* de satisfazer sua *demanda*²⁴ sodomita, frustradas suas tentativas de fazê-lo em território de que era natural, o europeu cristão ("foi ia vez daqui"). Se neste sítio, o peninsular, suas intenções malograram – uma vez que pretendeu²⁵, sem sucesso casar-se com homem²⁶, casar-se com dona de cujos vassalos pudesse gozar a companhia²⁷, *cavalgar* sobre os homens injustos pela sesta e pela noite²⁸ –, no Ultramar elas poderiam ser plenamente realizadas.

Nos versos de Burgalês, o que se percebe, para além do brilhante e inesperado jogo de metáforas de lapidário, é uma visão do Ultramar

²³ Corroboram esse sentido Walter Mettmann, no glossário das cantigas marianas, que define o Ultramar como a "região além do mar, especialmente a Terra Santa" (1972, p. 311), e Graça Videira Lopes, o "Norte de África" (2002, p. 407).

²⁴ Decerto, no jogo escarninho de Burgalês, o tema da demanda espiritual ou peregrinação no Ultramar é também parodiado.

²⁵ Consideramos aqui o conjunto de cantigas que formam o "ciclo" de Fernan Díaz.

²⁶ "Fernan Díaz é aqui, como vistes", de Airas Pérez Vuitoron (CBN 1479, CV 1090, Lapa 80, Lopes 90).

²⁷ "Fernan Díaz, fazen-vos entender", de Estêvão Faião (CBN 1561, CB 434, Lapa 127, Lopes 100).

²⁸ "Don [F]ernando, pero mi mal digades", de Pero Garcia Burgalês (CBN 1378, CV 986, Lapa 380, Blasco XLV, Lopes 345).

como território propício aos homens que jazem uns com os outros, praxe supostamente aquiescida por Maomé – rezaria a lenda –, o que corroboraria o preconceito cristão sobre a tendência cultural dos mouros a tal exercício erótico.

É certo que o Ultramar foi tema de várias cantigas, especialmente voltadas para o tema da cruzada a Jerusalém (Vasconcelos, 2004, p. 219-273). À cantiga de Buralês, assim, o que parece subjazer é a junção criativa de três *razons* do cancionero satírico: a falsa peregrinação (foi Díaz ao Ultramar não para rezar na Terra Santa nem para combater a fé dos mouros, mas para encontrar mestre que *encastasse* seu *olho* a contento); a sodomia de Fernan Díaz, e a preconcebida ligação dos mouros com essa prática sexual. No jogo de ideias do trovador, castelhano e cristão, sobre o que ele imagina ser uma estranha terra de costumes *nefandos* tanto no plano da fé como no da sexualidade, observa-se a criteriosa escolha de aspectos próprios para a retórica da vituperação burlesca contra um oficial da corte afonsina. Para reduzir, por meio do escárnio, a figura do *adeantado*, Buralês se serve de elementos altamente injuriantes: a perversa expedição ao Ultramar, o coito *contra natura* e o jazer com um mouro.

Adiante-se, numa rápida digressão, que todos esses elementos sugerem o tema da *traição*: ao propósito de peregrinar, à doutrina da sexualidade cristã e ao domínio sobre muçulmanos. Essa ideia, no entanto, requer outras páginas e outras reflexões que escapam ao propósito deste estudo²⁹.

Antes de encerrarmos estas considerações, vale levantar ainda uma dúvida: na disputa dos *olhos*, na cantiga, vence o mestre mouro com seu *olho de boi*, maior que o de *cabra* do *adeantado*. Na batalha de escárnios contra o *adeantado* traidor, vencem os trovadores com sua risada.

Poderá essa inusitada justaposição dizer alguma coisa a mais?

²⁹ Vicenç Beltran propõe uma leitura para esse aspecto do escárnio contra Fernan Díaz: "La ridiculización, el desprestigio del adversario y la calumnia siempre han sido armas innobles, pero la lucha política nunca ha renunciado a ellas. Si mi asociación con este ciclo [Fernán Díaz/ Esteban Fernández de Castro, *adeantado*, sodomía e a revolta dos nobres] es correcta, al convertir a don Esteban en un merino homosexual, se atacaba ese mismo flanco, pero aprovechando (y por qué no creando) en la figura pública del personaje una faceta en principio colateral, la homosexualidad, que se convierte (al menos literariamente) en la verdadera razón de su fracaso. Por otra parte, y quizá por la gravedad misma de las imputaciones, al entrar en este camino tan resbaladizo (no olvidemos que la homosexualidad se pagaba con la vida) se disfraza al destinatario mediante un seudónimo (Fernan Díaz Escalho, si no ando errado en la identificación)." (2007, p. 49).

Referências bibliográficas

ALCORÃO. Tradução de Américo Carvalho. Notas de Suleiman Valy Mamede. 3. ed. Mem Martins: Europa-América, 2003. 2 v.

ALFONSO X. *Las siete partidas*. Edição fac-similada da edição salmantina de 1555, glosada por Gregorio Lopez e impressa por Andrea de Portonariis. Madrid: Boletín Oficial del Estado, 1974. 3 v.

_____. *Las siete partidas*. antología. Selección de Francisco López Estrada y María Teresa López García-Berdoy. Madrid: Castalia, 1992.

_____. *Las siete partidas*. Translation by Samuel Parsons Scott. Edition by Robert I. Burns. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 2001. v. II.

BELTRAN, Vicenç. Los nobles rebeldes. In: _____. *Poética, poesía y sociedad en la lírica medieval*. Santiago de Compostela: [Anejos de la Revista] Verba, 2007. p. 13-52. [No prelo].

BRUNDAGE, James A. *Law, Sex and Christian Society in Medieval Europe*. Chicago: Chicago University, 1987. Introduction, p. 1-9; Chap. 5, 7, 8 and 9.

BURGALÊS, Pero Garcia. *Les chansons de Pero Garcia Burgalês*. Edition de Pierre Blasco. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1984.

DIOGO, Américo António Lindeza. *Leitura e leituras do escarnh' e maldizer*. [s. l.]: Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental, 1998.

LAPA, Manoel Rodrigues. *Lições de literatura medieval: época medieval*. 10ª ed. rev. Coimbra: Coimbra, 1981.

_____. (ed.). *Cantigas d'escarnho e maldizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 3ª ed. Lisboa: João Sá da Costa, 1995.

LIU, Benjamin. *Risabellha: a poetics of laughter? La Corónica*, Williamsburg, v. 26, n. 2, p. 41-48, 1998.

_____. *Medieval Joke Poetry: The Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer*. Cambridge (Massachusetts): Harvard University, 2004.

LOPES, Graça Videira. *A sátira nos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Lisboa: Estampa, 1994.

_____. (ed.). *Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores e jograis galego-portugueses*. Lisboa: Estampa, 2002.

MADERO, Marta. *Manos violentas, palabras vedadas: la injuria en castilla y*

en León (siglos XIII-XV). Madrid: Taurus, 1992.

MAGNE, Augusto. *Glossário da Demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967. 3 v. v. III.

MARTÍNEZ PEREIRO, Carlos Paulo. *Natura das animalhas*: bestiário medieval da lírica profana galego-portuguesa. Vigo: A Nosa Terra, 1996.

METTMANN, Walter. Glossário. In: AFONSO X, o Sábio. *Cantigas de Santa Maria*. Edição crítica de Walter Mettmann. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1972. 4 v. v. IV.

OLIVEIRA, António Resende de. *O trovador galego-português e o seu mundo*. Lisboa: Notícias, 2001.

PONTE, Pero da. *Poesías*. Edición de Saverio Panunzio. Traducción de Ramón Mariño Paz. Vigo: Galaxia, 1992.

SODRÉ, Paulo Roberto. A sodomia no "jugar de palabras" de Estevão da Guarda. *Aletria: Revista de Estudos Literários*, Belo Horizonte, n. 13, p. 125-132, 2006.

SODRÉ, Paulo Roberto. Unos con outros contra natura, e costibre natural: sobre a sodomia na sátira galego-portuguesa. *Signum. Revista da Associação Brasileira de Estudos Medievais*, São Paulo, n. 9, p. 121-150, 2007a.

SODRÉ, Paulo Roberto. Ainda sobre a sodomia na sátira galego-portuguesa: a propósito da cantiga "Do que eu quígi, per sabedoria", de Estevão da Guarda. 2007b [Inédito].

SODRÉ, Paulo Roberto. *Non serie juego onde omne non rrye*: aspectos da sátira galego-portuguesa. Ensaio (Pós-Doutorado em Literatura Portuguesa) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2008.

SPENCER, Colin. *Homossexualidade*: uma história. Tradução de Rubem Mauro Machado. Rio de Janeiro: Record, 1996. Prefácio, p. 9-13; Cap. 4, Celtas, feudalismo e Islã, p. 90-118.

TAVANI, Giuseppe. O cómico e o carnavalesco nas cantigas de escarnho e maldizer. *Boletim de Filologia*, Lisboa, t. XXIX, f. 1-4, p. 59-74, 1984.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Glosas marginais ao cancionero medieval português*. Tradução de Yara Frateschi Vieira et al. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004. Glosa marginal VII, p. 219-273.

Resumo

Lida normalmente como ilustração das chufas contra um funcionário da corte afonsina, do tema da viagem ao Ultramar e de um campo semântico (do lapidário) sem par no cancionero escarninho galego-português, a cantiga "Fernam Díaz, este que and'aqui", de Pero Garcia Burgalês, pode ser observada também como um jogo de palavras sobre um dos preconceitos cristãos mais arraigados no imaginário peninsular medieval: a sodomia dos mouros. Neste trabalho crítico-literário, apoiado em estudos historiográficos de Marta Madero e de James Brundage, procura-se ler a cantiga no entrecruzamento, incontornável no gênero satírico, de texto e contexto.

Palavras-chave: Sátira galego-portuguesa. Pero Garcia Burgalês – Trovador do séc. XIII. Sodomia – Tema literário.

Abstract

Normally considered as an illustration of *chufas* against an employee of the alfonsine court, of the trip to Overseas and of a single semantic field (the stonemason) in the Galician-Portuguese joke poetry, the *cantiga* "Fernam Díaz, este que and'aqui", by Pero Garcia Burgalês, can also be observed as a word game on a Christian prejudice: the sodomy of the moors. This critical-literary work, supported in historiographic studies by Marta Madero and James Brundage, intends to read the *cantiga* in the crossing of text and context.

Key-Words: Galician-Portuguese Satire. Pero Garcia Burgalês – XIIIth Troubadour. Sodomy – Literary theme.